



# Gaiato



Quinzenário • 28 de Dezembro de 1991 • Ano XLVIII — N.º 1247 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

## Cantinho da Família

Os laços de sangue têm muita força!

**O**s laços de sangue têm muita força! Estão na base da família natural. O sangue dos filhos chama pelo dos pais. É um apelo tão veemente que chega a abalar a estabilidade da pessoa, tão franzina ela é. De tal modo que, por amor dos filhos, o lar deve manter-se unido contra todas as tentações de desagregação.

A história do Zé Filipe foi contada em O GAIATO do Natal. À hora em que escrevo estas notas não o temos em casa. Há três dias que a mãe apareceu e levou-o, sem darmos conta. Não sei para onde foi. Rapariga de 26 anos a viver da prostituição, sem morada certa, a mãe do Zé Filipe levou o filho. Estou a vê-lo, no primeiro encontro com a mãe, depois de ter vindo para nossa Casa, muito mais sereno, sem uma lágrima nos olhos, de rosto feliz, pronto a mostrar-lhe a sua nova Casa, os presépios, a cama onde dorme, tudo. A força do sangue, como a dum cilindro, é cega, tantas vezes! O Zé Filipe, assim o espero, estará de volta hoje mesmo. Todos os dias da ausência têm sido martelados pela pergunta dos seus companheiros de quarto: — *Quando vem o Zé Filipe?*

Continua na página 4

# SETÚBAL

O que tem duas túnicas reparta a outra com o que não tem

É um dado adquirido, sem erro possível ou qualquer dúvida, ainda que ténue, esta verdade saída da experiência dos nossos dias: Não se pode, entre nós, construir uma família sem casa. Ela é, depois da comida, a necessidade mais urgente. As famílias mais desfavorecidas são as-sem-casa.

Ressoa-me hoje aos ouvidos a palavra de João Baptista aos que o procuravam, não para se converterem à sua pregação, mas em busca de algum exotismo que modificasse a estrutura política, religiosa ou filosófica do seu tempo. Era assim outrora e continua nos tempos de hoje. As multidões buscam sempre o extraordinário, o que apaixonava e faz sensação, nunca o normal da vida.

João utiliza a Palavra eterna de que era precursor e, conhecida a sua força, dispara-a sem receios: — O que tem duas túnicas reparta a outra com o que não tem.

As multidões afastaram-se, desiludidas. A Palavra era demasiado directa. Exigia a conversão. No deserto em que prego também eu, com a força da mesma Palavra, digo àqueles que têm

duas casas, e querem viver o tempo natalício e saborearem o nascimento de Deus nas suas vidas: — O que tem duas casas reparta com aqueles que não têm nenhuma.

Juros iníquos

Esta semana comprometi-me com mais cinco mil contos. Mais dois andares para o Paulo Martinho e o Mário Silva. O primeiro irá casar brevemente e o segundo já tem dois filhos. Mesmo assim, o Paulo, com o ordenado incerto de 60 contos, ficará com a dívida de três mil contos, a juros iníquos para enriquecer os grandes; e o Mário, com o ordenado de noventa, pedirá à Banca quatro mil contos.

Metade dos seus vencimentos vão para a amortização da dívida e dos juros.

Quando o Governo promete fazer uma política capaz de ajudar os mais desfavorecidos e depois se aproveita deles e das suas necessidades vitais para enriquecer o seu património financeiro comete uma injustiça de bradar aos Céus, que não ficará impune.

Não se brinca com a Justiça!... Brincar com a Justiça é brincar com Deus.

Quando nos falamos de progresso, sem progresso humano e familiar, enganam-se e enganam-nos. Não há

progresso sem uma correcta política de habitação.

A um reformado dum Banco que sai com a garantia de uma reforma por inteiro, a lei permite que ele faça para habitação um empréstimo com juros de dez por cento.

A um desgraçado que nada tem, senão a força dos seus braços e a energia da sua inteligência mais a pressão das suas necessidades, a lei impõe juros pesadíssimos.

Um reformado dum Banco auferiu ordenados acima da média. Tem naturalmente uma boa casa para viver e não vai constituir uma família.

A um jovem sem nada, com salários muito baixos que vai gerar a família de amanhã, a lei, por força da ganância e porque os Pobres não têm voz nem peso, explora-os tão injustamente!

É necessário que ao menos a Igreja faça justiça e, também Ela, se tem duas casas, dê uma aos Pobres. É urgente que nesta Europa de loucuras progressistas, todos os cristãos dêem autoridade à Igreja para falar e exigir com autoridade coerente. Quem tem duas capas dê uma ao que não tem.

A habitação é hoje, talvez, por mais caricato que pareça, a maior fonte de lucros.

Continua na página 4

## Reflectindo

Quanto vale a Paz?

• Uma chuva miudinha caía na cidade. O meu colega, acabado de chegar num comboio da noite, caminhava apressado pela rua. Parou um carro e logo a voz: «Venha meu padre, eu levo-o». Eram conhecidos.

Cumprimentos. Falas sobre o tempo e, logo ao chegar a uma rua de prédios altos, ele falou, comovido: «Padre F., dava todos estes prédios..., todos são meus, por uma hora de paz na minha família...»

Quanto vale a paz?

Onde está a paz?

• Em 1979 vieram comigo para Portugal dois meninos, filhos de pais portugueses e mães angolanas. Os funcionários de fronteira olharam de revés e não me quiseram dar os seus passaportes.

«Vejam que em Lisboa as crianças vão ficar retidas no aeroporto por não terem documentos...». Que não. Que me arranjasse.

Uma guerra entre nós...

Fugiu a paz naquele mesmo momento.

Com maus modos fizeram-me entrar num cubículo para ser, minuciosamente, revistado. Primeiro, a pasta. Dentro, em papel de

seda, vinha um crucifixo. O meu algoz, furioso, rasgou o papel e ficou diante do Senhor... Com tamanha delicadeza pôs as mãos em concha! E com igual ternura o contemplou! A seguir, olhou-me... Depois, ao Senhor. No seu olhar profundo uma paz — que nasceu ali como a nascente no penedo de Moisés.

«Vá em paz meu senhor!» — ele me disse depois, depondo, com ternura, em minhas mãos, o Senhor, como a menino recém-nascido.

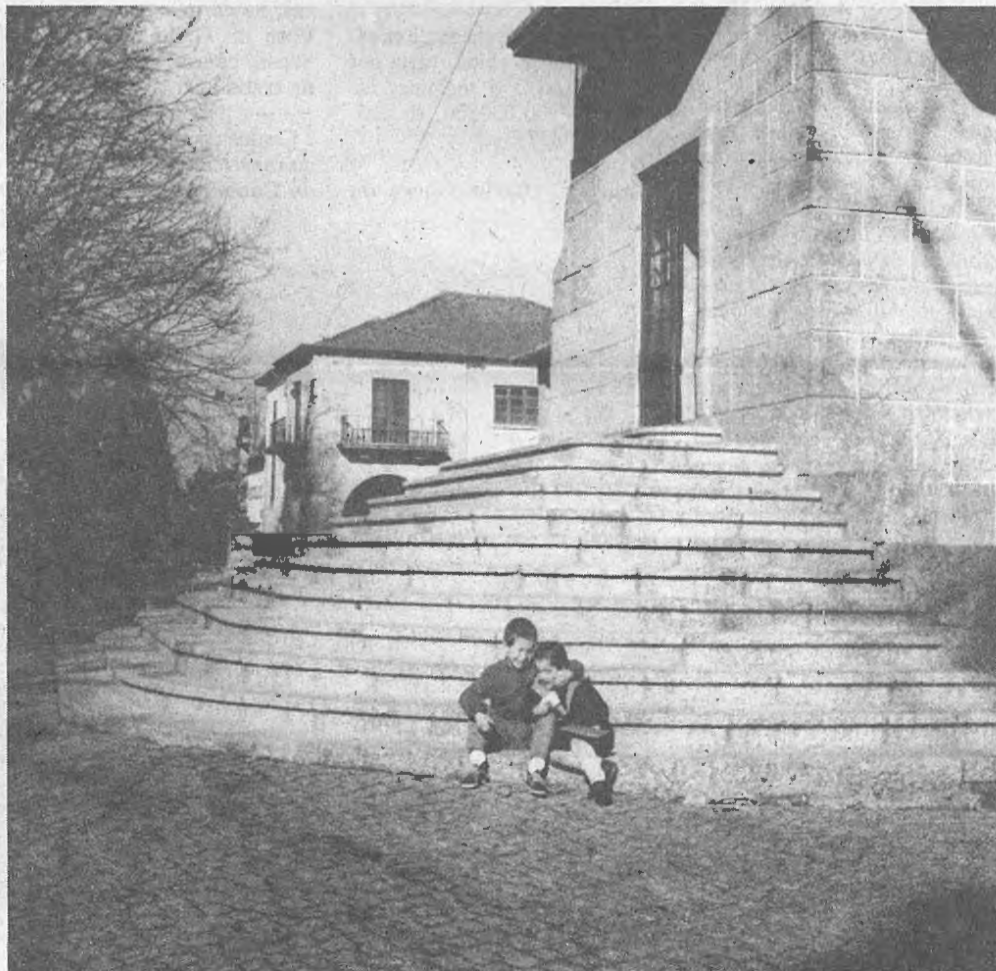
— Vou, mas, por Ele, traga-me os passaportes dos meninos.

Ele foi e veio logo com os ditos e o mais belo sorriso de paz, pois esta habitava no seu coração.

• Os presépios iluminados; a paz que nos damos; a própria noite do nascimento com o Menino «em palhinhas deitado» — podem ser, simplesmente, um sinal de paz.

Nem o estrondo dos canhões marca o limite da paz. Esta é mais profunda e poderosa que o mar. Suas ordens podem bater nos corações simples e amantes da justiça — mesmo no meio dos conflitos.

Continua na página 4



Um abraço de Paz!

## Conferência de Paço de Sousa

**APOIO DOMICILIÁRIO** — O isolamento dos idosos, os doentes incuráveis, enfim, os mais incapacitados são um grave problema social.

Hoje, no meio rural (!), alguns são vítimas do desinteresse familiar (tanto do ponto de vista material como afectivo) e empurrados para a mão dos(as) vicentinos(as) — quando os(as) haja na sua comunidade...

Perdeu-se o sentido de ajuda fraterna na Família! Mal do tempo? Com certeza. Não desejaríamos acentuar o quadro negro, mas temos obrigação de o denunciar.

Dantes, com maiores dificuldades (...), a Família tentava, na medida do possível, amenizar estes casos e só recorria a auxílio externo em plena exaustão. Agora, não. Algumas rejeitam os seus mais seus sem dó nem piedade!

No horizonte, porém, topamos uma acção que pode aliviar a nossa, limitada e sem estruturas para acudir a tudo e a todos. Referimo-nos ao serviço de Apoio Domiciliário das Santas Casas da Misericórdia, na linha específica da sua vocação e da própria Sociedade de S. Vicente de Paulo. Quem dera uma cada vez mais estreita colaboração entre as duas instituições a nível nacional! Com esta valência, quanto bem já se faz, e fará, em sentido cristão, pelo País fora! Quanto alívio nos sofrimentos e na solidão! Sem deixarem as grandes obras, estimulamos as Misericórdias a manterem e aumentarem o discreto e valiosíssimo Apoio Domiciliário muito especialmente aos Rejeitados: na alimentação, higiene pessoal

# Pelas CASAS DO GAIATO

(prioritariamente para os acamados e outras situações de incapacidade), lavagem e tratamento de roupas, limpeza doméstica, cuidados terapêuticos — fraternidade cristã.

**PARTILHA** — Cheque da assinante 31104 «para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus e para os habituais destinatários. Peço que rezem por mim (a oração por outrem é grande dádiva) e, também, por alma dos meus entes queridos. Que Deus se digne aceitar — é toda a minha ambição». A Fé nos salva!

Mais uma oferta, em discreto sobrescrito com data de 30 de Novembro, entregue ao «Turbinas» — pequeno distribuidor d'O GAIATO. Presença da viúva do assinante 13245, do Porto, com a amizade de sempre. Assinante 26152, da Foz do Douro, 10.000\$00 para «um caso mais urgente da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. Gostaria de ajudar uma senhora de idade, doente, que viva só e tenha dificuldades. A solidão é muito triste, eu que o diga, mas tenho uma companhia maravilhosa: Jesus e Sua Mãe — Nossa Senhora». Testemunho cristão!

Mais vinte e oito mil do assinante 7464 «d'O GAIATO que

tanto gosto!» O costume, de Santa Cruz do Douro (Baião). Cinco mil, da assinante 9708, de Coimbra, «pequena lembrança para os medicamentos que têm de comprar, pois sei que são caros, mesmo com descontos. É por alma de meus pais que vivem com dificuldades». Pesada cruz dos Pobres: o custo dos medicamentos!

Cinco mil, da assinante 14493, relativos ao mês de Dezembro: «Ajuda que não é grande, mas a que, por agora, posso prestar». O mesmo, de Tavira: «Peço absoluto anonimato». Cumprimos! O dobro, pela mão da assinante 8254, de Oeiras, com ternura maternal. O cheque vem de Agualva. Na carta trata-nos por «Bons Irmãos». É o assinante 33337, com partilha fundada no Evangelho: «Não me dirijam agradecimentos, uma vez que o cheque apenas representa uma ínfima parte do que me sobra. Daí, nem um sacrifício representa, pois não vai além de uma pequena redução no meu egoísmo. Oxalá Deus me toque de modo a saber compartilhar o que de bom, porventura, tenha. A O GAIATO bastante devoto! Continua: «Numa época de grande consumismo, bem precisamos de dirigir os nossos esforços para valores bem superiores

e mais duradouros. Saibamos abrir os nossos corações, acima de tudo; e, depois — raciocinando bem — escolhermos outros caminhos que não aqueles que muitas vezes trilhamos».

Cova da Piedade: dez contos da assinante 18909 «para a consoada duma família protegida pela Conferência do Santíssimo Nome de Jesus». Idem, presença assídua, de Ovar, o assinante 42971, que se dirige «aos Pobres mais envergonhados e necessitados».

Outra consoada, da Rua de Timor, da Capital. Mais outra: cinquenta rands, de Durban (África do Sul). Mil, de Goães (Vila Verde). Dezanove mil, de Alvide (Cascais): «Nesta altura de preparação para o Natal quero pensar nos Pobres». Mais cinco mil, da assinante 19575, de Coimbra, destinados a «um casal de velhinhos». Dezasseis mil, da «Avó de Sintra»: «Tal como a minha pensão, vai a dobrar». Vinte mil, pela mão da assinante 3119, de Paço de Arcos, por vale de correio. Em remessas deste modo, é muito útil que faça o favor de enviar uma cartinha.

Dois contos «para uma viúva, preferência com filhos», da assinante 5484, do Porto. O dobro, de «Manuel de Braga», com um estímulo para quantos se lem-

bram e ajudam as viúvas. Mais 2.000\$00, da assinante 7769, do Porto. Dez mil, do assinante 19148, também da Capital do Norte, «sufragando a alma do seu irmão». E oito mil, da assinante 14802, de Parede.

Retribuimos os votos de santo Natal e Ano Novo. Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

## PAÇO DE SOUSA

**NATAL** — O Natal é o dia preferido da malta. Sabemos que temos um Natal de consolo e alegria, pelas rabanadas, filhós, etc. Também não esquecemos os presentes a seguir à Missa do Galo. De alegria porque é uma festa que se realiza na véspera, à noite, no salão das escolas, com música e teatro. Sim, teatro com os rapazes a cumprir o seu papel de personagens há quase 2.000 anos atrás, em Belém.

Senhores leitores, lembro uma situação de crise, no mundo, que é talvez a maior nos dias de hoje! Refiro-me às pessoas que não têm a possibilidade de, ao menos, passar um Natal simples como o nosso, em Paço de

Sousa. São os que sofrem a fome, a doença e a morte, algures em África e na América Latina.

Um bom Natal para todos!

**PEDIDO** — Em Novembro, lançámos o pedido de um televisor, de preferência a cores, necessário para o nosso bar (sala dos mais velhos). Ainda não foi atendido. Se tiverem a disponibilidade de o oferecer, agradecemos.

Paulo Alexandre («Rambo»)

## MIRANDA DO CORVO

**AVALIAÇÃO ESCOLAR** — Época de balanço no que respeita ao estudo, durante o primeiro trimestre de aulas. Surgem as notas nas pautas, em relação a cada disciplina. O estudante deve fazer uma reflexão: se o resultado do seu trabalho for bom, está de parabéns; se for medíocre terá de modificar o método de estudo e o modo como aprende as matérias.

**NATAL** — Época muito bonita, talvez a mais bonita do ano, que nos dá muita alegria.

Esperamos que todos passem o Natal de uma forma muito especial e desejamos Boas Festas e um próspero Ano Novo aos nossos leitores, parentes, amigos e colegas.

António Maria

## TOJAL

**AZEITONA** — O tempo não tem ajudado muito. Praticamente a azeitona está por apañar e neste andar muita se estragará.

**INSPECÇÃO MILITAR** — Agora, foram três rapazes à inspecção. Cinco, passaram à reserva; e outros cinco serão chamados em Janeiro.

**ESCOLA** — O 1.º período já acabou. Muitos terão que melhorar o seu aproveitamento, pois a escola não acaba aqui. Ainda há muito que fazer!

**DESPORTO** — No dia 8 houve mais um encontro com antigos gaiatos. Outra vitória para nós. Resultado final: 5-4.

Luís Miguel Fontes

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Na verdade, ao longo deste ano, apesar de surgirem sempre contrariedades, houve progressos no sentido de melhorar as condições de vida dos mais necessitados. Exemplo disso: D. Antonieta, seu marido e dois filhos; outrora viviam numa divisão ampla com outra senhora, tendo necessidade de a dividir com um cortinado para haver um pouco de privacidade. Agora, com a graça de Deus e a vossa preciosa ajuda, passam um Natal mais aconchegados. Foi em Novembro que veio ter comigo com um aspecto alegre e ao mesmo tempo triste, pois a Câmara havia-lhe arranjado uma moradia bastante degradada, por dentro, inclusive não tinha a porta exterior. Tentei animá-la, fazendo-a compreender que deveria estar contente por ter uma casa para a sua família, sem a partilhar com mais alguém e, com um pouco de gosto, ficaria muito bonita.

## Cooperativa de Habitação

Ao iniciarmos o ano de 1992 queremos deixar uma imagem actualizada da fase em que se encontra a construção das moradias.

A fotografia, que publicamos, mostra dois blocos para 9 fogos em fase de acabamentos e mais dois para 10 fogos com os pilares bem no alto.

Já fizemos um furo para a exploração de água. Abastecerá cerca de 40 casas. Falta construir o respectivo depósito e montagem de bombas.

Quanto à parte eléctrica, a E.D.P. obrigou a construir uma cabina que nos vai custar cerca de 4.000 contos, valor que fará muita falta para atenuar o custo das habitações.

O mais engraçado, sem graça nenhuma, é que vamos gastar o nosso dinheiro, mas a cabine ficará propriedade da E.D.P.!

Dado que estamos a erguer casas para pessoas que precisam, não poderia a empresa suportar o encargo? Deixamos o apelo aos senhores que mandam.

Terminamos com uma carta, cujo conteúdo, nesta altura do ano, poderá servir de ponto de reflexão para muitos de nós:

«Estamos chegados à quadra da chuva e do frio — o Inverno.

Nesta altura lembro-me mais daqueles que não têm tecto, nem uma lareira para se abrigarem das intempéries.

Sou um professor do ensino primário (reformado), mas tenho um andar e o suficiente para viver, não com luxos nem extravagâncias.

Só peço a Deus que me dê saúde e vida para poder tratar da saúde de minha esposa, que é doente, para a qual peço uma oração.

Quando esta aí chegar, e eu saber que foi recebida, basta pôr n'O GAIATO o seguinte: De Braga — 200.000\$00, do assinante n.º 32733.»

Carlos Gonçalves

## Assembleias Gerais Ordinárias

### CONVOCATÓRIA

Nos termos do artigo 26 dos Estatutos convoco os membros da Cooperativa para a Assembleia Geral Ordinária, a realizar em 02/02/92, às 10.00 horas, no edifício das escolas da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, com a seguinte ordem de trabalhos:

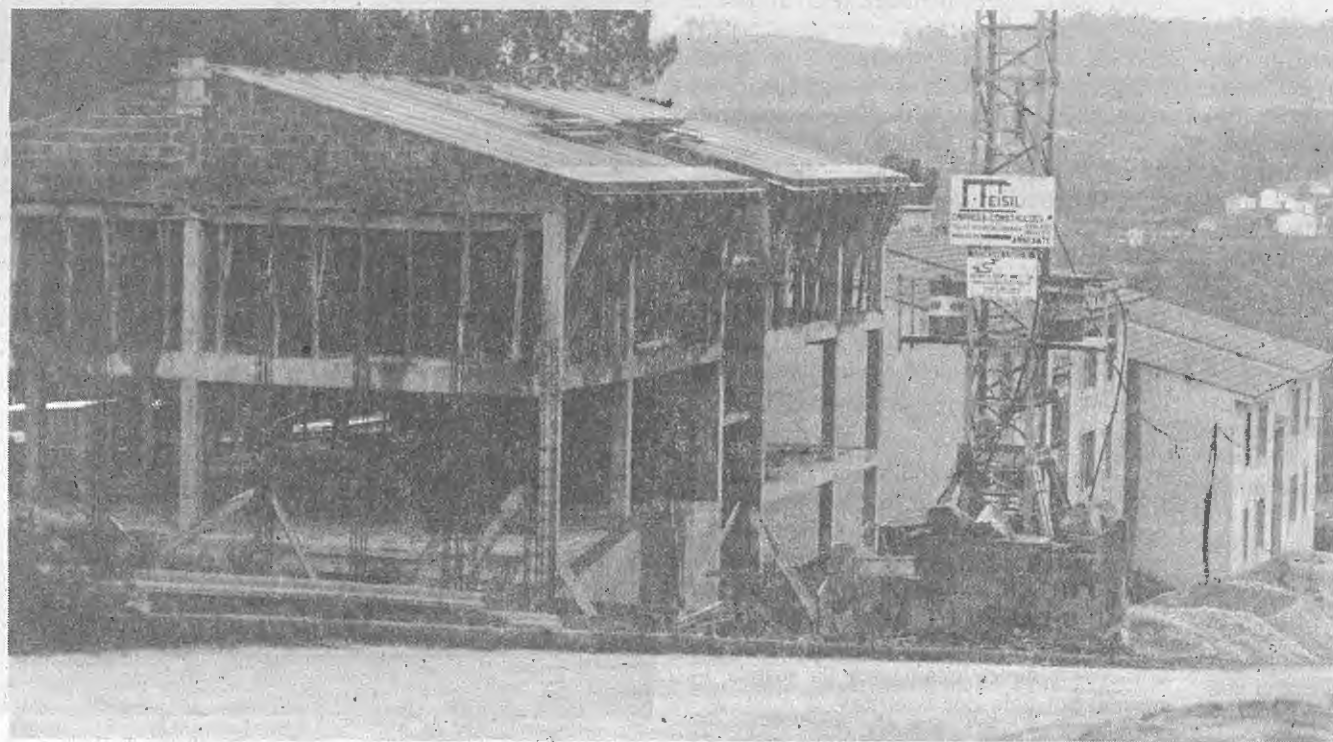
1 — Apreciação do Relatório e Contas da Direcção, relativos ao exercício de 1991 e parecer do Conselho Fiscal.

2 — Apreciar e votar o orçamento e plano de actividades para o exercício de 1992.

Se à hora marcada não estiver presente a maioria requerida no art. 27 dos mesmos Estatutos, a Assembleia reunirá meia hora mais tarde com qualquer número de membros.

### CONVOCATÓRIA

Nos termos do artigo 26 dos Estatutos convoco os membros da Cooperativa para a Assembleia Geral Ordinária, a realizar em 02/02/92, às 15.00 horas, no edifício das escolas da Casa do Gaiato de Paço de



# ENCONTROS Malanje

EM LISBOA

## A nova Capela

No momento já próximo em que nos preparamos para a Festa da Dedicção da nossa Capela, a realizar no dia 4 de Janeiro às 15 h, faz-nos bem meditar no sentido daquilo que se vai realizar. Nada melhor do que pegarmos no próprio Pontifical Romano e retirarmos daí algumas frases que constituem verdadeira catequese.

O decreto de promulgação do Ritual da Dedicção da Igreja e do Altar, de 29 de Maio de 1977, afirma logo de início:

«O rito da Dedicção da Igreja e do altar com razão é tido entre as acções litúrgicas mais solenes. Na verdade, o lugar onde a comunidade cristã se reúne para ouvir a Palavra de Deus e, sobretudo, para celebrar o Deus edificado de pedras vivas; por seu lado, o altar, em volta do qual o povo santo se congrega para participar no Sacrifício do Senhor e se alimentar do Banquete celeste, é sinal de Cristo, que é o sacerdote, a vítima e o altar do Seu próprio Sacrifício.»

Estes aspectos são desenvolvidos na introdução, quer ao rito da Dedicção da igreja quer do altar. Sobre a Dedicção da igreja afirma-se:

«Pela Sua morte e ressurreição, Cristo tornou-Se o verdadeiro e perfeito templo da Nova Aliança e congregou o Povo que Deus tornou Seu.»

Este Povo santo, reunido na unidade que procede da unidade do Pai e do Filho e do espírito Santo, é a Igreja; o templo de Deus edificado de pedras vivas, no qual o Pai é adorado em Espírito e em verdade.

Com razão, pois, desde os tempos antigos, se chamou também 'igreja' ao edifício onde a comunidade cristã se reúne para aí ouvir a Palavra de Deus, orar em conjunto, receber os sacramentos, celebrar a Eucaristia.

## Um sinal peculiar da Igreja

Pelo facto de ser um edifício visível, esta casa constitui um sinal peculiar da Igreja que pere-

Entreguei a nossa pequena ajuda mensal e foi para casa pensativa. Na primeira semana de Dezembro já não parecia a mesma pessoa! Transbordava de alegria: «Oh como a minha casinha e está a ficar bonita!» O marido colocou uma porta nova; cimento nos buracos da parede; consertando também a casa de banho e outros estragos, dando assim um aspecto mais digno à moradia. Ainda não sabe quanto pagará de renda, mas está contente com a nova situação, possuindo agora um cantinho para a sua família.

Convidou-nos para ver a sua habitação. Lá iremos com muito gosto e carinho.

No dia 21 realizámos a festinha de Natal dos nossos Pobres.

**Campanha tenha o seu Pobre:** Assinante 3359, 1.500\$; assinante 20976, vale de 5.000\$00; Maria Vilhena, vale de 10.000\$; anónimo, 15.000\$; Bernardete, 5.000\$00.

Casal Alexandre

grina na terra e uma imagem da Igreja que habita no Céu.

É pois conveniente que a igreja, ao ser erigida como edifício destinado unicamente e de maneira permanente para nele se reunir o Povo de Deus e se celebrarem os sagrados mistérios, seja dedicada ao Senhor por meio de um rito solene, segundo o antiquíssimo costume da Igreja.»

Na introdução ao rito da dedicação do altar, somos instruídos assim:

«Os antigos Padres da Igreja, meditando a Palavra de Deus, não duvidaram afirmar de Cristo que Ele era a vítima, o sacerdote e o altar do Seu próprio Sacrifício.»

Como Cristo, Cabeça e Mestre, é o verdadeiro altar, também os seus membros e discípulos são altares espirituais, nos quais é oferecido a Deus o sacrifício da vida santamente vivida... S. Gregório Magno ensina: «O que é o altar de Deus, senão o espírito dos que vivem com perfeição?... Com razão, pois, se chama altar de Deus ao coração dos justos.»

Segundo outra imagem célebre entre os autores eclesiásticos, os cristãos que se entregam à oração, oferecem a Deus petições e imolam vítimas de súplias são, eles próprios, pedras vivas, com as quais o Senhor Jesus edifica o altar da Igreja.

O Senhor Jesus Cristo, ao instituir, na forma de banquete sacrificial, o memorial do sacrifício que ia oferecer ao Pai no altar da Cruz, tornou sagrada a mesa onde os fiéis se reúnem para celebrar a sua Páscoa.

Em toda a parte, consoante as circunstâncias, os filhos da Igreja podem celebrar o memorial de Cristo e sentar-se à mesa do Senhor. Mas é consentâneo com o mistério eucarístico que os cristãos ergam um altar estável para celebrarem a ceia do Senhor.

O altar cristão é, pela própria natureza, uma mesa especial do Sacrifício e do Banquete pascal — ara especial, onde se perpetua sacramentalmente o Sacrifício da cruz até ao fim dos séculos, até que Cristo venha — mesa em volta da qual se reúnem os filhos da Igreja para darem graças a Deus e comungarem o Corpo e o Sangue de Cristo.

Em todas as igrejas o altar é, por isso, «o centro da acção de graças, que se realiza totalmente na Eucaristia», em torno do qual de algum modo se ordenam os outros ritos da Igreja.

Porque no altar é celebrado o memorial do Senhor e se apresenta aos fiéis o seu Corpo e Sangue, os escritores eclesiásticos viram no altar como que um sinal do próprio Cristo — donde o dizer-se: «O altar é Cristo».

Diante da doutrina aqui expressa resta-nos, no dia, participar na oração, onde ouviremos o celebrante dizer sobre o altar: «Seja a mesa da festa aonde acorrem, cheios de alegria, os convivas de Cristo, para que, colocando em Vós o peso e os cuidados da vida, tomem novo vigor de alma para percorrerem novos caminhos».

## Será um grande dia de festa

Os filhos da Rua reunidos à volta do altar! Pai Américo teve sempre a preocupação de construir, nas Casas de Gaiato, Capelas simples mas belas. A formação religiosa é uma preocupação

constante. Numa orientação especialmente dirigida aos Padres da Rua diz: «A vida religiosa nas nossas comunidades seja o centro. As grandes aflições dos 'padres da rua' tenham aqui a sua origem: vale mais a alma do que o corpo. Por ela, pela alma dos rapazes, sangrem os padres até ao fim. A nossa Capela. A Missa dominical. O ensino da doutrina cristã. A prática das orações quotidianas. Os sacramentos: Pôr-lhes a mesa, chamá-los ao banquete e chorar se eles não quiserem vir. Chorar os nossos pecados.»

Durante longos anos Padre Luiz sonhou e lutou por que na Casa do Gaiato do Tojal os rapazes pudessem ter uma Capela como centro da vida da nossa Aldeia. Se Deus quiser o sonho realiza-se quarenta e quatro anos depois de ter sido fundada esta Casa. Ela deve-se ao carinho de muitos amigos anónimos. Todos estarão presentes na nossa oração, no dia da bênção. Gostaríamos de agradecer, neste momento, o projecto oferecido com muita amizade pelo Arquitecto João Sousa Araújo e os cálculos de engenharia, também oferecidos com muito carinho, pelo Eng.º José Leitão. Ao senhor J. Lima Gomes e a todos os trabalhadores da sua empresa queremos agradecer a dedicação e a competência demonstradas em todo o trabalho de construção.

Padre Manuel Cristóvão

## Tem sido uma azáfama!

Estamos a um mês da nossa partida para a nossa Casa do Gaiato de Malanje — Angola. Vão comigo para o arranque inicial — colocação de portas e janelas, pintura, reparação das telhas, instalação eléctrica e canalizações — o Quim Gomes, o Júlio da Silva e o Zé Albano. O Quim deixa por três meses a orientação da carpintaria, o Júlio a da serralharia e o Zé as ocupações no Calvário.

Vai connosco a D. Guiomar que já serviu a Obra da Rua durante anos em Paço de Sousa. Será a mãe de família. Para que o sinta mais intensamente, vão o «Pomba» e o «Cachoar». Mas tantos que lá estarão esperando, meu Deus!

Tem sido uma azáfama a preparação dos contentores: Ele são roupas, camas e colchões; mesas e painéis; garfos e colheres que uma família de Penafiel nos ofereceu. Mais materiais eléctricos, oferta das empresas: Delta, de Braga; Mectel, do Porto; Sousa & Rodrigues, de S. Pedro da Cova; Electro Instaladora do Bairro de Riba de Ave. Depois, máquinas, ferramentas, fogões e tanta coisa pequenina mas tão necessária ao funcionamento duma Casa.

Muito nos aliviam as ofertas que têm vindo: de Miranda do Douro, o Pároco e paroquianos com 32.500\$; de Vila Flor,

amigos e Irmã Manuela com 40.000\$; Augusto, de Vila Real, com 10.000\$. De Bragança: meu afilhado Edgar com 20.000\$; Dr. Amândio com 20.000\$; Tó Laurindo, mais 20.000\$. De Braga: Vilela de Matos, 10.000\$; amigos, no hospital, 2.000\$; Eng. Lamas de Oliveira com 50.000\$. De Gaia, velho amigo com 250.000\$. De Barcelos, a Emília com 5.000\$. Do Porto, o prof. Mogadouro com 10.000\$. De Sendim, o José Delfim com 2.000\$. Empresa de Construções Teisil, 50.000\$. O Eng. Alves (Toni) tem sido incansável na motivação de tantas ajudas que recebemos.

Continuo a ter uma certa sensação de vazio ao ver a abundância que nos cerca e aberta, enquanto em muitas partes de África há tantas carências de coisas e roupas e mesmo se passa fome. Apetece pegar em tudo e meter em contentores... Só que cada despacho de um contentor fica por 400.000\$. Daqui, o fastio e o vazio entre os montes de roupa e coisas... Ainda ontem, no Porto, vi despejar um saco de pão para os cães e as pombas.

Porém, não cruzemos os braços, façamos alguma coisa. Se o nosso pouco diminuir um pouquinho a fome dos irmãos, valeu a pena. Mais um contentor. Vou levar mais um contentor.

Padre Telmo

# Partilha

## Luz pequenina

Tudo cheira a Natal. Há muito que a propaganda consumista, hábil e subtilmente, invadiu os ambientes, aliciando os sentimentos humanos mais profundos.

Quase não se enxerga uma luz pequenina. E há tanta luz! Quem me dera poder levar o meu Bruno, filho de *reveilions*, para uma daquelas montras iluminadas e cheias de prendas. Talvez ainda fosse a tempo de pensares outro Natal. Mas, não! Elas são indignas. Não têm esse espaço. Tal como foram as hospedarias, em Belém, para Jesus.

Se pudesse, levá-lo-ia para um presépio de catedral. Na calada da noite trocaria o menino de barro pela cor viva da sua pele, rejeitada, abandonada. Talvez ainda fosse a tempo de viveres outro natal. Mas, não! A cerimónia, a solenidade, a tradição... tanta vidraça a vedar a luz.

E, se o teu olhar embevecido na contemplação do Menino do presépio, de repente, desse de caras com o João e o Quim, doentes incuráveis do Calvário, para os quais também não havia hospedaria, nem casa, nem família? Lavados do miço pelas tuas mãos carinhosas, como haverias de ver no seu rosto, divinamente iluminado, que eles são o Natal!

Mas, não! Talvez não tenhas tempo. Os amigos estão para chegar e a mesa está pronta. É a Missa do Galo.

E há tanta luz por aí! Quase não se enxerga uma luz pequenina! Luz nova. Uma luz que subtraia o Natal ao calendário dos natais dos discursos de bolas de neve; das mensagens de votos, tantas vezes alienantes ou adocicados pela magia emanante da festa. Uma luz que penetre na consciência das próprias palavras, sobretudo, quando estas se referem aos Pobres, aos sem-casa própria, aos marginalizados, nesta altura os mais lembrados, depois esquecidos.

Uma luz pequenina. Esta luz que o Padre José Maria e irmã Quitéria estão, em Moçambique, acendendo. Já borbulham sorrisos de leite nos lábios mirrados. É o Natal!

Uma luz pequenina. Luz que todos os dias em cada Casa do Gaiato se acende, por força do sopro divino, na alma de cada rapaz. Luz que às vezes define, neles e em nós, mas que o clarão de Belém e a tua presença já notada reacendem com fulgor, neste Natal!

Padre João

## Um formigueiro

Hoje a nossa Casa foi um autêntico formigueiro! O dia magro de sol, sem o frio deste tempo, também ajudou.

Os da escola andam atarefados a fazer presépios e a preparar a festa de Natal. É um mundo de papéis pintados com figuras de muitas cores e todas a caminhar para o Menino Jesus. Um deles veio dar-me um quadro natalício feito por ele e a professora aconselhou-o a oferecer-me. Que feliz se sentiu com o trabalho tão perfeito!

Na carpintaria estão a fazer uma bancada para uma igreja antiga. Ao almoço, o pároco daquela terra telefonou a dar medidas de mais dois bancos. «Olhem que é tudo para festa de Natal...» — disse ele, ao telefone. «Está certo!» — respondeu o nosso João Bandarra.

As obras vão nos últimos acabamentos. Os pedreiros estão a ultimar os rebocos e têm ainda os finais de quartos de banho. Hoje andaram a assentar as pedras da escada. Depois, serão as pinturas das paredes.

João pintor já tem os vidros todos colocados e anda a pintar portas e janelas. Quer rapazes para lixar aros, mas não há ninguém livre. Ele lá vai andando.

O formigueiro notou-se, sobretudo, depois da escola. O grupo da erva seguiu para sua obrigação e todos os outros para a eira. Como é ano de muita azeitona, o

# Tribuna de Coimbra

nosso centro é a eira. Para ali trazemos dela já limpa, para limpar e para repigar. Estava cheia de tudo! Uns a repigar ramos. Outros a levá-los para o monte de lenha. Outros com vassouras a varrer. Outros a limpar com o erguedor. Outros a transportar cestos para o tractor. Outros a lavar panais de rama tenra para as vacas. O trabalho foi a sério para todos.

Quando a sineta tocou para a merenda estávamos a acabar e ficou tudo arrumado. O pão e a fruta tiveram sabor delicioso!

Depois, os da escola cumpriram os seus deveres escolares e outros prepararam-se para as aulas da noite, que frequentam na vila.

Eu recolhi-me, dei graças a Deus, peguei no papel e esferográfica e escrevi esta *Tribuna*.

Vamos continuar a preparar as festas de Natal e vivê-las como família de Deus que somos. Que todos as tenham e as vivam bem. Há muitos cristãos para quem as festas de Natal são pagãs. É pena que Jesus não renasça em todos! Ele quer ser — e é — Salvador de todos os homens. Que cada um O deixe renascer na vida.

Padre Horácio

# NOTAS DO TEMPO

## Os americanos estão a dar mais importância à Família e a abandonar o materialismo

Tempo de Natal é o tempo da Boa Nova. O nosso Deus tornou-Se Deus connosco em Jesus Cristo. Antes era um Deus próximo: «Qual é o Povo que tem um Deus tão próximo de si, como é o nosso Deus?» — reza a Escritura Antiga. Agora, Ele está no meio de nós — e este é o fundamento da nossa confiança, da nossa alegria, das nossas audácias, da nossa Paz... apesar das tribulações da vida no mundo.

Há dias captámos uma notícia muito resumida que procurámos conhecer mais desenvolvida na fonte que lhe deu origem, a Agência Lusa, mas até ao momento não o conseguimos. Ainda assim vale a pena registá-la: «Os americanos estão a dar mais importância à família e a abandonarem o materialismo, afirma-se num estudo divulgado esta semana».

Trata-se de um inquérito empreendido por uma Companhia de Seguros, a «Massachusetts Mutual Life Insurance» e realizado a 1200 adultos em 1989 e em Setembro deste ano; e da comparação dos resultados. «Quarenta e sete por cento classificam como o seu valor mais importante o respeito pelos pais — mais nove pontos percentuais do que em 1989». Igual evolução aconteceu relativamente às respostas sobre o respeito dos próprios filhos.

«Durante os últimos dois anos — continua a

breve notícia — o número de americanos que se identificam com o ter coisas boas no mais alto grau da sua escala de valores, desceu dez pontos, para vinte seis por cento.»

A explicação deste facto, segundo a psicóloga que ajudou a analisar os resultados das duas sondagens, está na recessão económica, na «profunda pressão financeira sob que se sentem os americanos». «Os valores materialistas estão em declínio» — diz ela. «O que de certo modo é maravilhoso porque a necessidade aguça o engenho.»

Dá — acrescenta por sua vez a vice-presidente da dita Companhia de Seguros — «a medida que as pessoas estão a experimentar tempos mais difíceis, estão a regressar à família como fonte de força».

Ora aí está um facto que vem ao encontro do que pensamos e experimentamos: a vida fácil não facilita nada; a demasiada fartura, em vez de aguçá-la, esteriliza o engenho; e a cotação dos melhores valores humanos desce sempre que o homem fixa os olhos e o coração no ter e deixa entorpecer em si a saudável ambição de ser. Abençoada, pois, a recessão económica que pressiona os americanos e os acorda da hipnose do ter coisas boas para valores melhores que a sua criatividade, uma vez desperta, irá redescobrir. Com a psicóloga analista dos resultados da sondagem, digo com toda a convicção: «Maravilhoso!»

E como da super poderosa América tanta coisa má tem irradiado para o mundo todo, porque não há-de soprar agora uma lufada salutar que propague a todo o mundo «o declínio dos valores mate-

rialistas» que por lá se verifica? Quem sabe se não estará aproximando-se do fim, a filosofia maligna do consumismo, que embriaga sim, mas não faz ninguém feliz e estorva o progresso da Justiça num mundo dividido em primeiro, segundo, terceiro e, creio já, que quarto?

Tenhamos esperança e regozijemo-nos com esta boa notícia de Natal!

## Sinais de Esperança

Por cá, vamo-nos encontrando, felizmente, com este espírito, que tem soprado de todos os quadrantes, mas os que inais nos sensibilizam são os das idades extremas, as crianças e os velhinhos.

Agora mesmo fui interrompido por excursão de alunos de Escola Preparatória que vieram ver-nos e estar connosco o resto desta tarde invernal e nos deixaram dons preciosos porque frutos das suas renúncias.

Carta de Escola Primária do Porto diz assim:

«O Natal aproxima-se e nós pensamos que poderíamos dar-vos alguma alegria nesta época. Para tal fizemos alguns sacrifícios. Deixámos de comer algumas guloseimas e juntamos o dinheiro para vos enviar.

Os alunos da 4.ª classe da D. Fernanda.»

Estas presenças falam-nos da preocupação de alguns Professores na formação integral dos seus alunos, que não apenas ensinam-lhes as matérias escolares. Quem dera fosse esta a regra de uma Escola verdadeiramente renovada!

No fim de semana, que passei no Porto com os vendedores d'O GAIATO, foi um corropio de velhinhas, a viver das suas pobres pensões sociais, a lembrar-nos o óbulo da viúva do Evangelho. A uma, que achei demasiado generosa, tentei resistir. «Deixe lá, Padre, eu sou sozinha e só para mim não faço consoada. Ajudar outros a fazê-la é a minha consoada.» Colunas que não deixam cair o mundo, estas desconhecidas dele, mas a quem Deus conhece e quer com amor de predileção!

Dois rapazes que, pela aparência parecem de alta burguesia, um já na Universidade, andam hoje por aí. Têm aparecido bastante ultimamente, dando sinais de inquietação e insatisfação, eles que, no entender da vulgaridade, têm tudo quanto a vulgaridade apetece e eles não.

Outra, mulher na força da vida, também ela dotada pela fortuna, também ela experimentada pelo vazio que a fortuna não pode preencher, aí vem, há muitos meses, três dias em cada semana, manhãzinha cedo, tudo à sua custa, para ajudar os nossos estudantes nas disciplinas de língua estrangeira. Ao meio dia come do nosso caldo, no desconforto do nosso refeitório, com a simplicidade e alegria de quem não está habituado a mais.

Coisas bonitas que o tempo nos dá! Boas notícias de Natal, sinais da Esperança que a recordação do Presépio sempre revivesce!

Deus nos ajude a corresponder à Sua graça. Nos... a nós e a todos os que connosco convivem mediante O GAIATO.

Padre Carlos

## Moçambique

### A rua é a pior escola que há no mundo

Toda a vez que paramos na baixa da cidade, aparecem crianças. No início, mendigando. Agora, choram por vir.

Estabeleceu-se facilmente o diálogo e, pouco a pouco, descobrimos causas, circunstâncias e lugares. É tudo na mesma. Seja em Portugal, no Brasil ou em Moçambique. A maioria anda na rua porque não tem mais espaço em casa ou no coração dos pais. Os lugares de maior aglomeração são os frequentados habitualmente pelas pessoas ditas da sociedade. Guardar ou lavar o carro (há aqui dos melhores!); carregar as compras, ou simplesmente estender a mão dizendo que têm fome. Qualquer pretexto serve para arranjar dinheiro. Há também os mais crescidos que, fora disso, assaltam casas, às vezes à mão armada, e depois fazem a partilha. Andam nos mesmos lugares.

De todos os que já conhecemos, nem dez por cento são do nosso naipe. Têm mãe e, às vezes, pai também. Levar ou não o que ganham para casa, pouco importa aos pais. A nós importa e queremos gritar às pessoas que não dêem esmola. Que não aceitem as crianças na rua. Mas a verdade é que ninguém olha a isso. Fazem jeito e, que seja só para não incomodarem, despacham-nas simplesmente com alguns meticais.

Quantas vezes me vem à mente a frase de Pai Américo: «A rua é a pior escola que há no mundo». Chegámos ao absurdo de trazer para nossa casa uma criança de doze anos que dormia na rua. Naquela tarde estava com febre alta e muita tosse. Suspeitando gravidade entregámo-lo na urgência do Hospital. Ali esteve dez dias. Pneumonia. Desparasitado, começou a engordar a olhos vistos. A cabeça e o corpo denunciavam maus tratos. Da rua ou de casa, ainda não sabemos. O que já descobrimos é que os pais vivem nas altas esferas. Mas

ninguém fale ao Agostinho em ir para casa ou voltar à rua.

### O comportamento social em relação à criança da rua

Como ele, dormem muitos à porta do Scala, em frente no passeio do café; à porta e nas proximidades dos correios, ou em casas desmanteladas.

Já temos a história escrita de cada um dos oito que vivem connosco. Digo vivem porque começaram a viver. Para eles tudo é novo e gostoso na casa. Dormir no colchão é que não dá: caem logo fora. E os que ficam no meu quarto depressa rolam para debaixo da minha cama e do Luizinho.

Em poucos dias aprenderam a oração da mesa e a comer direitinho. Já aceitam as obrigações da casa: lavar a loiça, enxugá-la e arrumar; lavar a roupa e limpar a casa. Às vezes vão até às obras carregar blocos ou areia. Começam a aprender as primeiras letras. Um deles vai nos treze anos.

Temos gente com capacidade de caminhar e isso nos consola. Voltar para a cidade, nenhum quer.

Se fôssemos a atender a todos os que pedem para vir, tínhamos uma Casa do Gaiato cheia.

Mas há muito que caminhar. Tenho a certeza de que é mais fácil construir a nossa Aldeia e criar aqui homens para o amanhã, do que modificar, hoje, um mínimo, o comportamento social em relação à criança da rua.

Visitou-nos um gaiato. O antigo «Zé Máquina» é agora engenheiro civil, director das Obras Públicas de Pemba. Quer aqui trazer os filhos para que aprendam como o pai. «Não temos ambiente que eduque na cidade. A TV, o vídeo, destroem todas os valores e conceitos morais. Preparação para o trabalho ninguém dá. A melhor Escola da cidade não presta, comparada com a nossa, antigamente.» São palavras dele. E foi por aí fora. Em poucas palavras compendiou

o que a sociedade hoje lhe oferece e aos seus filhos.

Intimamente dei graças a Deus por me chamar e receber aquela consolação por ser Padre da Rua.

Por mais que sofra, obrigado Senhor!

Padre José Maria

## Setúbal

Continuação da página 1

### A Habitação é, talvez, a maior fonte de lucros

Para as Câmaras que exploram bem os lotes de terreno urbanizável; para os intermediários que compram hoje e vendem amanhã com lucros fabulosos; para os construtores que, bem organizados e zelosos, enriquecem facilmente; para os que fazem as escrituras e movimentam os processos sempre à custa de boas gorjetas, bons almoços e prendas de Natal e Páscoa; para a Banca que financia a construção e, depois, o empréstimo à vítima — o Pobre que precisa de casa.

Parece que tudo anda às avessas. Os-sem-casa, que deviam ser os primeiros a beneficiar, são aqueles que não-de pagar tudo!

Perante esta situação real e imposta pelas leis e pelas circunstâncias, que havemos de fazer senão denunciar e denunciar-nos a nós próprios com coerência e sem medos. Deitar abaixo todas as seguranças terrenas e virmos com a nossa esmola sacrificada e santificante. O Reino dos Pobres não é o dos políticos, nem daqueles que pensam e fazem como eles, denunciando demagogicamente, cruzando os braços. O Reino dos Pobres é o Reino de Deus, o da porta estreita, o da exigência pessoal e o da acção!: «O que tem duas capas dê uma ao que não tem».

Padre Aclio

## Cantinho da Família

Continuação da página 1

### A ruptura dos lares não afecta só as crianças mais pobres

A voz do sangue tem muito força! Homem e mulher, unidos para constituir família, levando dentro de si a paternidade e a maternidade, têm que estar à escuta, dia a dia, da voz dos filhos a pedir a unidade e estabilidade do lar. Esta é a condição de um direito dos pais tido como primário. Se ela falta, como pode ser garantido esse direito? Pela lei? Mas só pela lei? Pobres filhos que nasceram na insegurança, na degradação! Pobres filhos que vão crescer repartidos ora pelo pai ora pela mãe, quando eles, por força da natureza, trazem a marca da unidade e o apelo da estabilidade na unidade, em ordem ao desenvolvimento normal.

O problema da ruptura dos lares não afecta apenas as crianças do estrato social mais baixo. Se nestas as consequências são mais visíveis, tal facto se deve a circunstâncias de abandono, de falta de meios materiais, habitação, etc. Longe, porém, pensar-se que a criança se resume em sua estrutura, ao dinheiro, à habitação, a ter alguém que tome conta dela. Em seu ser está, antes de mais, a família constituída na base de um amor sério, uno e estável, reflectido nos mesmos rostos, na vida em comum,

na partilha generosa do que se é e se tem.

Quando sofrem os filhos de lares desfeitos! Quanta tristeza levam em suas caras que, por vocação, devem espelhar a beleza do seu mundo interior construído com a diferença do pai e da mãe, em comunhão um com o outro. Sim, não são apenas os filhos da rua as vítimas da falta da família; são-no todos os filhos para quem a família de sangue falhou na vivência da unidade e estabilidade. As marcas desta desgraça ficam, se não aparecer outro espaço humano gerador de laços que, não sendo de sangue, são mais fortes do que aqueles.

Quem dera que os tesouros da Nação fossem investidos prioritariamente na Família!

Quem viu o Zé Filipe quando chegou, há poucos meses, e conhece a sua história, não estranha que lhe tenha sido posto o apelido «Trovão». Com seis anos apenas, leva uma carga tamanha! O abandono afectivo, a falta de contacto com a natureza e de convivência normal com outras crianças; a falta do olhar meigo da

mãe e da presença segura do pai, geraram nele tal descontrolo que as suas explosões lhe mereceram tal epíteto. Agora, já com um caminho longo andado em pouco tempo, surge este incidente. É um dos riscos d'A Porta Aberta. Não queremos outra maneira de ser, entretanto.

Quem dera que os pais fossem responsáveis perante os filhos! Quem dera que os filhos não tivessem que crescer fora da Família natural! Quem dera que o lar fosse assumido por aqueles que o constroem como o espaço para a vida e para a morte! Quem dera que os tesouros da Nação fossem investidos prioritariamente na Família!

Padre Manuel António

## Reflectindo

Continuação da página 1

Ela é invisível como o Reino. Como este, um bem que se conquista pela contínua fidelidade ao Senhor.

Não digamos — a paz está aqui ou ali... neste povo ou naquela nação... Digamos, com certeza, que ela está em cada coração que ganhou a batalha da Paz — lutando pelo amor, pela justiça e pelo perdão.

Padre Telmo



**Gaiato**

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel  
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239